

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS**

MARIA LUÍSA TABORDA SANTIAGO

JOAQUIM NABUCO: LEITOR DE CAMÕES E RENAN

PORTO ALEGRE

2015

MARIA LUÍSA TABORDA SANTIAGO

JOAQUIM NABUCO: LEITOR DE CAMÕES E RENAN

Trabalho de Conclusão de Curso para a formação no curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação do professor Dr. Antônio Marcos Vieira Sanseverino.

PORTO ALEGRE

2015

MARIA LUÍSA TABORDA SANTIAGO

JOAQUIM NABUCO: LEITOR DE CAMÕES E RENAN

Trabalho de Conclusão de Curso para a formação no curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação do professor Dr. Antônio Marcos Vieira Sanseverino.

Aprovada em ___ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Marcos Vieira Sanseverino
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. William Moreno Boenavides
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Tiago Lopes Schiffner
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por todas as oportunidades que me foram proporcionadas até aqui;

Ao corpo docente, direção e administração do Instituto de Letras pelo apoio e aprendizado;

A toda minha família e amigos que acompanharam minha trajetória na universidade e estiveram comigo desde a preparação para o vestibular até o fim da graduação, em especial a minha mãe, que esteve comigo em todos os momentos me dando apoio e incentivo para chegar até aqui. Essa conquista é muito mais dela do que minha;

Ao meu orientador Professor Dr. Antônio Sanseverino por toda a orientação, apoio e dedicação, mas principalmente por ter contribuído de maneira significativa para aumentar ainda mais o meu interesse pela literatura, desde as suas primeiras aulas no início da graduação, até os últimos semestres;

E a todos que de maneira direta ou indireta fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

“Cada um de nós é só o raio estético que há no interior de seu pensamento, e, enquanto não se conhece a natureza desse raio, não se tem ideia do que o homem realmente é.” Joaquim Nabuco.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo mostrar Joaquim Nabuco como leitor e o quanto suas opções de leitura acabaram influenciando sua formação como intelectual e até mesmo como abolicionista. Neste estudo, primeiramente é feita uma análise da formação geral do autor, desde sua infância no engenho em Recife até finalizar seus estudos na faculdade de direito. Após, são analisados dois capítulos do livro *Minha formação* (Ernest Renan e Abolição): O primeiro está dividido em “casos exemplares”, onde será analisado a influência de dois importantes autores na vida de Nabuco, o francês Ernest Renan e o português Camões, o próximo capítulo a ser analisado será o capítulo *Abolição* também incluso na autobiografia. Através destes dois capítulos será feita uma análise dessas influências na vida do autor pernambucano e conseqüentemente na sua posição como leitor, que acabaram o transformando, em escritor; enfatizando sempre sua relação com a literatura.

Palavras-chave: Nabuco. Leitor. Formação. Literatura.

ABSTRACT

This paper aims to show Joaquim Nabuco as a reader and how his literature choices influenced in his formation as an intellectual and abolitionist. Firstly, in this study will be analyzed the complete formation of Nabuco, since his childhood at Massangana Mill until he finished his graduation at Law School. After that, will be analyzed two chapters of *Minha Formação*, the first is divided between two examples of writer from Joaquim Nabuco: Ernest Renan and Camões, and in the last chapter will be analyzed the formation of Nabuco as an Abolitionist. Through these two chapters will be made an analyze about the influence of these authors in life and in literary works of Nabuco, and consequently its position as a reader, which ended the turning often in writer; besides making an in-depth of his relationship with literature.

Key-words: Nabuco. Reader. Formation. Literature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 A Formação de um Intelectual da Elite Brasileira.....	12
2 ANÁLISE DE DOIS CAPÍTULOS EM MINHA FORMAÇÃO	22
2.1 Casos exemplares.....	22
2.1.1 Cosmopolitismo: Renan e Camões	23
2. 1.2 Localismo/Massangana.....	28
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERENCIAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

A proposta inicial deste trabalho foi comparar Nabuco com o personagem de Machado de Assis, Brás Cubas, essa decisão partiu de uma forte influencia de Angela Alonso, pós leitura do livro *Joaquim Nabuco - Os Salões e as Ruas* (2007), desisti da ideia quando percebi que talvez essa escolha, talvez, limitasse a figura de Joaquim Nabuco, acredito que os personagens têm semelhanças em alguns pontos, tendo em vista que Machado de Assis retratou a sociedade burguesa do século XIX da qual Nabuco fazia parte, todavia Joaquim Nabuco não é um personagem limitado pois se destaca e se distingue, principalmente pela causa na qual se envolveu, portanto seguir esta linha de pesquisa talvez não fosse algo tão motivador neste momento.

Logo em seguida a ideia foi fazer uma análise detalhada de todos - exatamente todos - os autores citados por Nabuco em sua obra autobiográfica *Minha Formação* (1963), porém para fazer uma análise como essa seria necessária a escrita de centenas de capítulos com no mínimo dois anos de análise e estudo; em apenas um capítulo de *Minha Formação* podemos encontrar mais de dez citações e referencias a autores e personalidades, portanto, eu não teria tempo hábil para a conclusão. Decidi então focar em autores que foram decisivos para a formação moral, politica e até mesmo para a formação literária de Nabuco.

Joaquim Nabuco é descendente de uma família paterna portuguesa que já havia gerado três senadores em sucessivas gerações, dentre eles o mais famoso seu pai Nabuco de Araújo. O pequeno fidalgo Joaquim Nabuco, passou sua primeira infância em Massangana, engenho no sul de Pernambuco, cuja recordação gerou, segundo José Maria Belo (1935, p. 75), “algumas das páginas mais formosas e comovidas da nossa literatura.” Cresceu iluminado pelos reflexos da sua família, mas, principalmente, pelos reflexos da posição que seu pai ocupava na época.

Nabuco tornou-se um personagem, sempre em estado de transformação, liberal, diplomata e abolicionista. Quando pensamos em Joaquim Nabuco, a primeira ideia que nos vem em mente é associá-lo ao livro *O Abolicionismo* (1883) ou com sua outra obra bastante conhecida, *Um Estadista do Império* (1897 - 1899) ou até

mesmo com o livro *Minha Formação* (1900). O que poucos conhecedores da obra de Nabuco compreendem é quem foi Joaquim Nabuco leitor, embora ele informe que a literatura e a política alternaram na sua vida; é no político-abolicionista que está o foco da análise na grande maioria dos estudos.

Angela Alonso, no livro *Joaquim Nabuco - Os Salões e as Ruas* (2007) propõe no prefácio da obra uma explicação sobre quem foi Joaquim Nabuco, e é através de suas “três mortes” - segundo a autora, primeiro morreu o embaixador, depois o intelectual monarquista e por último, em Recife, morreu o abolicionista - através de seus três funerais, Alonso recupera a formação e a trajetória do autor de *Minha Formação*. Entretanto estudando a trajetória de Nabuco como leitor podemos encontrar as raízes de todas estas categorias. Analisando suas influências literárias e sua formação como leitor encontramos a possibilidade de compreender amplamente não apenas Joaquim Nabuco embaixador, intelectual ou abolicionista mas também Nabuco liberal, diplomata, político, poeta, crítico de literatura, cidadão brasileiro do século XIX, etc. É possível através dessa análise aprofundar e compreender a sua formação como um todo.

Poucos sabem, por exemplo, que Joaquim Nabuco foi comentarista da vida e da obra de Camões e que no ano de 1872 – enquanto o Brasil comemorava meio século de independência (e *Os Lusíadas* completava o seu terceiro centenário), Joaquim Nabuco, então com vinte três anos, em meio a todas as efervescências ufanistas do Brasil, voltava a sua atenção para um ensaio que escrevia em homenagem ao poeta Camões. O livro *Minha Formação* é recheado de citações literárias, de autores que foram importantes e marcantes para sua formação.

Um fato muito importante sobre Nabuco é a sua familiaridade com a língua francesa, essa familiaridade marca toda a sua trajetória Nabuco confessa no livro *Minha Formação* que leu pouco em português brasileiro e que as suas maiores influências são os franceses. Em um dos capítulos explica que nos anos de 1870 suas preocupações estão voltadas para França, e em 1872 sua maior preocupação é com o centenário de *Os Lusíadas*.

Em 1872 o que me ocupa o espírito é o centenário de *Os Lusíadas*; estou então imprimindo um livro sobre Camões, e a quem trabalha em um livro, apesar de seu nenhum valor literário como o mostrou Teófilo Braga, não sobra muita atenção ou interesse para dar ao que acontece em redor de si. (NABUCO, 1900, p. 36),

Como se vê, Nabuco mergulha nos estudos literários e abstrai a realidade externa, seu foco está na literatura. Nabuco era um grande admirador de poesia, um leitor um tanto quando romântico, podemos perceber isso quando faz uma relação entre gênio e sofrimento ou quando confessa que não se pode estudar a obra de Camões sem falar sobre o homem.

Nabuco faz questão de enfatizar que a imaginação é a causa eterna do sofrimento, e por tal motivo, em sua opinião, os poetas teriam em si a fonte da sua desgraça. Nabuco ilustrou seus artigos sobre *Os Lusíadas* sempre com poetas importantes no romantismo, como Lord Byron e Álvares de Azevedo, suas grandes influências na poesia.

Este estudo pretende fazer uma análise de algumas de suas maiores influências, dentre eles: o senador Nabuco de Araújo como marca da sua formação, os casos de literatura exemplar: o poeta Camões e o filósofo Ernest Renan, e por fim a relação de Nabuco com o abolicionismo. Essas são algumas das suas marcas de formação literária e moral que o tornaram personagem e personalidade. Parafrazeando Angela Alonso (2007 p.17)¹: fosse por causa dos seus livros, da fundação de uma associação de imorredouros beletristas ou pelas vias religiosas a que se apegou na velhice, Nabuco acreditava na imortalidade de sua alma. Que seja objeto de estudo neste trabalho de conclusão de curso, mais de um século depois de sua morte, é prova de que estava certo.

¹ “As três mortes de Nabuco” - Abertura do livro *Joaquim Nabuco Os salões e as ruas*.

1.1 A Formação de um Intelectual da Elite Brasileira

Para Angela Alonso (2007), Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo está entre os personagens que representam e pensam suas nações. Nabuco é um herói civilizador, um pensador do Brasil, um brasileiro que jamais pode ser visto como membro da classe dos esquecidos. Um intelectual que fez parte da elite brasileira do século XIX, sua obra *Minha Formação*, modelada ao estilo *Souvenirs d'Enfance et de Jeunesse*² revela vários aspectos de seu pensamento e de sua formação como leitor. Joaquim Nabuco liberal, monárquico, poeta, antiescravista e cosmopolita. Dividido entre a América e a Europa, Brasil e França, língua portuguesa e língua francesa: entre a ausência de pátria e a ausência de cultura.

Nabuco não é nosso contemporâneo, *Minha Formação* foi publicado pela primeira vez no ano de 1900, mas suas inquietações ainda são atuais, ainda são nossas. No capítulo IV, por exemplo, *Atração de Mundo*, está formulada a um modo de pensar a experiência brasileira que influenciou (e ainda influencia) a reflexão sobre o Brasil,

Não são os prazeres do rastaquerismo, como se crismou em Paris a vida elegantes dos milionários da Sul-América; a explicação é mais delicada e mais profunda: é a atração de afinidades esquecidas, mas não apagadas, que estão em todos nós, da nossa comum origem européia. A instabilidade a que me refiro, provém de que na América falta à paisagem, à vida, ao horizonte, à arquitetura, a tudo o que nos cerca, o fundo histórico, a perspectiva humana; que na Europa nos falta a pátria, isto é, a forma em que cada um de nós foi vazado a nascer. De um lado do mar sente-se a ausência do mundo; do outro, a ausência do país. O sentimento em nós é brasileiro, a imaginação européia. (NABUCO, 1963, p. 39, grifo nosso).

Drummond declara através de cartas para Mário de Andrade que sofre da “tragédia de Nabuco”, logo mais Mário responde afirmando que na verdade essa tragédia seria uma doença, assim como a moléstia de chagas, também teríamos a

² Modelo de autobiografia criada por Ernest Renan.

“moléstia de Nabuco”, que consistiria na verdade em brasileiros como Nabuco e Drummond estarem sentindo “saudade do cais do Sena em plena Quinta da Boa Vista”.³ Mário de Andrade como bom brasileiro que era, debochava dessa reverência toda à Europa, e uma vez descoberto o diagnóstico desta moléstia, Mario encontrou uma forma de salvar os que sofriam desse mal e assim receitava: “Estilize sua fala, sinta a Quinta da Boa Vista pelo que é e foi, e estará curado da moléstia de Nabuco”.⁴ Sérgio Buarque, na abertura de *Raízes do Brasil* (2010), traz uma definição que reflete a atualidade deste contexto trazido primeiramente por Nabuco,

Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas idéias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, **somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra.** (HOLANDA, 2010, p. 31, grifo nosso)

Essa é, ainda hoje, uma tensão muito viva entre brasileiros: a atração pelo mundo. Sentimentos que ainda hoje são atuais e transparecem em manifestações, não apenas da elite brasileira. Analisando como se deu a formação intelectual de Joaquim Nabuco percebemos que sua relação com as línguas e literatura começou muito cedo. De acordo com Alonso (2007), José Herman de Tautphoeus, barão bávaro, foi quem, em 1859, contribuiu para a formação intelectual de Nabuco, ensinando-o línguas, história e literatura.

Joaquim Nabuco foi educado no manejo das maneiras, das palavras, na modulação do corpo e da voz, de modo a encarnar as marcas de seu grupo social. O refinamento era completado por um preceptor. José Herman de Tautphoeus, barão bávaro, antes frequentador do famoso *Journal des Debats*, ensinou línguas, história e literatura a Joaquim, em 1859, em Nova Friburgo. (ALONSO, *Ibid*, p. 21)

Barão de Tautphoeus foi extremamente importante para a formação de Nabuco, a maior prova dessa influência está no fato de ser um registro no livro *Minha Formação*. O Barão ganhou um capítulo exclusivo na obra, neste capítulo Joaquim Nabuco informa que José Hernan era o mais nobre dos modelos de ser humano.

³ Carlos e Mário. Org. de Silvano Santiago e notas de Carlos Drummond de Andrade e de Silvano Santiago. Rio de Janeiro: Ed. Bem-te-vi, 2002.

⁴ Carlos e Mário. Org. de Silvano Santiago e notas de Carlos Drummond de Andrade e de Silvano Santiago. Rio de Janeiro: Ed. Bem-te-vi, 2002

Nenhuma influência singular atuou sobre mim mais do que a de meu mestre, o velho barão de Tautphoeus. Com sua imaginação toda tomada pela história, ele costumava, nos anos de meu ardente liberalismo chamar-me Alcibíades. Certamente ele realizava para mim o tipo de Sócrates. (NABUCO, 1963, p. 242)

Uma das primeiras informações que temos sobre Nabuco ainda no prefácio do livro *Minha Formação*, nos mostra uma vontade imperfeita, uma vontade que está sempre em transformação: “diletantismo”, “volubilidade”, “flutuação”, “desalento”. Esses são os traços que o definem, e de certa forma, esses são os traços da elite brasileira. Através desse livro Joaquim Nabuco nos mostra seus excessos e também suas limitações, mostrando assim também as características de uma sociedade elitizada da qual fazia parte. Para Milton Carlos Costa (1995), *Minha formação* pode ser lido com um retrato da formação humana, literária e política de Nabuco, e como obra inauguradora do memorialismo literário brasileiro. As informações de leitura que Nabuco nos mostra em sua autobiográfica, aos poucos nos mostram detalhes de sua personalidade,

Os mais preciosos livros da minha estante íntima são os meus Baedekers⁵; diversos lugares aí estão marcados com um sinal, e, se eu pudesse, tomaria ainda, para visita-los, o bilhete (hoje não se diz mais o bastão) do peregrino;⁶ mas são os lugares somente que está associada – há anos eu teria dito uma impressão de minha vida – uma das grandes impressões da humanidade, uma das suas revelações na arte, ou na religião. (NABUCO, 1963, p. 37)⁷

Quinquim, como era chamado na infância, morou com a sua madrinha, dona Ana Rosa, no engenho Massangana⁸ durante boa parte da sua infância. Essa foi uma fase tão importante da sua vida, que mereceu um capítulo inteiro no livro *Minha formação*, foi lá que Nabuco entrou para a então pequena parcela da população brasileira que sabia ler e escrever, em torno de 15%, de acordo com pesquisa feita

⁵ Foi um editor alemão e fundador do mundialmente famoso e ainda hoje publicado Guia de Viagem Baedeker.

⁶ Atualmente o termo correto é “credencial do peregrino”, trata-se de um documento de autorização, para quem tem interesse em percorrer o caminho de Santiago de Compostela a pé, de bicicleta ou a cavalo.

⁷ Nabuco, Joaquim. *Minha formação...* Daqui para diante, as citações e as referências ao livro virão apenas indicadas pelo número de página.

⁸ Massangana, Massangano, Mossangano – em algumas edições de artigos e livros que pesquisei encontrei o nome do engenho como Massangana, algumas vezes como Massangano e até como Mossagano. Neste trabalho será utilizado o termo Massangana como consta no capítulo XX, edição de 1963 do livro *Minha formação*, utilizadas por nós. Vale comentar, no entanto, a interpretação de Alfredo Bosi que aponta a oscilação entre masculino e feminino no próprio texto de Nabuco como indicativo do tipo de vínculo que ele tinha com a experiência infantil.

por Angela Alonso. É interessante ressaltar que, de acordo com Lajolo e Zilberman (1998), foi apenas por volta dos anos de 1840 que Brasil do Rio de Janeiro, sede da monarquia, passa a exibir alguns dos traços necessários para a formação e fortalecimento de uma sociedade leitora. Conforme Lajolo e Zilberman (1998), neste momento encontravam-se mecanismos necessários ao público leitor que se formava: bibliotecas, tipografias, livrarias. Além disso, a escolarização, embora precária, objetivava uma melhoria dos leitores. Foi nessa época que Joaquim Nabuco começou a ser alfabetizado.

Foi com um mestre-escola que Nabuco aprendeu suas primeiras letras, depois já em Recife, aprendeu latim e aritmética. Foi com a mudança do engenho Massangana para a vida no Recife, ao lado do pai, que Nabuco encontrou uma das fases mais determinantes da sua formação como leitor. Aconteceu quando Dona Ana Rosa faleceu, Quinquim, extremamente apegado à madrinha, deixou o engenho e foi morar com os pais e irmãos:

Quinquim realizou uma verdadeira epopeia até o lar original. Conheceu então a posição do pai. Ganhou pernoites, almoços, cuidados de notabilidade no trajeto a cavalo até o Recife e nas paradas do vapor para a corte. Na Bahia hospedou-se no palácio do governo, de onde Cansasão de Sinimbu presidia a província. No percurso, foi sumindo o menininho de Dona Ana Rosa enquanto se tecia o herdeiro do ministro da Justiça. **A identidade social suplantava a identificação afetiva, e Quinquim começava a virar Nabuco.** (ALONSO, 2007, p. 23, grifo nosso)

Foi quando Nabuco conheceu dois mundos diferentes que começou a construção de sua identidade. Há nesta trajetória a marca mais evidente desta construção, marcada pela saída do engenho Massangana, deixando para trás sua vida íntima, sua relação afetiva com a madrinha, a vida com a escravidão familista, de encontro com o reconhecimento do público como o filho do reconhecido Senador Nabuco, herdeiro de político. De encontro com a escravidão comercial.

Viveu os dois mundos. Na casa-grande de d. Ana Rosa, conheceu a escravidão familista do engenho, restos do mundo colonial. Em casa do pai, viu o vigor da escravidão comercial, convertida em negócios. Pelas ruas, trabalhavam “ao ganho”, alugados, dominavam o comércio ambulante: eram carregadores, lixeiros, vendedores, costureiras, quituteiras. A criadagem, a começar pela ama de leite, era toda de origem africana. A primeira providência de um alforriado de Brás Cubas foi comprar um escravo. **A escravidão era uma segunda natureza, integrada na paisagem; meio e estilo de vida.** (ALONSO, 2007, p. 24, grifos nossos).

De outra parte, sua relação com a poesia vem de muito cedo, quando

começou seus estudos no colégio Pedro II, na época uma escola destinada somente para meninos. Foi por lá que Nabuco aprendeu um pouco de matemática, ciências, filosofia e línguas: latim, grego, francês – o idioma que, segundo ele, teria sido o mais forte em sua formação – além de alemão e italiano. Foi lá também que Quinquim aprendeu a arte da retórica, da poética, história, romantismo e religião.

Nabuco foi um aluno mediano, destacava-se apenas em latim e, como é de se esperar, em literatura, andava por sua escola carregando uma pasta e dentro dela escondia seus versos preferidos, não os mostrava nem aos colegas mais próximos. Assim, a pasta foi apelidada de *Cavalo de Tróia* por seus colegas que temiam o que poderia estar escondido por ali.

Seu primeiro verso conhecido foi *O gigante da Polônia*, escrito em homenagem ao pai, que orgulhoso do menino, fez questão de editar o verso em edição de luxo no ano de 1864. No ano seguinte Quinquim foi diplomado em letras no colégio Pedro II e foi diante dos imperadores na Arcádia Fluminense – da qual Machado de Assis era sócio fundador – que fez a leitura do seu poema. Ninguém menos do que Machado de Assis incentivou o garoto para os versos, no *Diário do Rio de Janeiro* de 31 de janeiro daquele mesmo ano: “Tem o direito de contar com o futuro”, escreveu Machado e no dia seguinte Nabuco respondeu: “de certa idade em diante pretendo não mais aplicar à poesia, para me ir alistar na fileira dos mais medíocres apóstolos do positivismo e crenças exatas⁹”. Até hoje não sabemos se essa resposta foi uma ironia ou não, fato é que Nabuco jamais cumpriu tal promessa. Os versos continuaram sendo determinantes na sua vida e sua mania de lê-los para o próximo perduraria até a velhice, afirma Alonso.

Ao sair do colégio Pedro II, Quinquim foi para faculdade de direito em São Paulo, mais uma das marcas da elite da época. O curso de direito preparava a elite imperial para a carreira política, portanto era mais do que necessário passar por essa fase. Na faculdade também foi um aluno mediano, chegando a passar por um embaraço em seu exame final em 1866 do qual foi salvo graças a posição que seu pai ocupava.

Foi criado como pequeno fidalgo. Não conheceu, nos primeiros anos da vida, a dolorosa necessidade de abrir o próprio caminho, à custa da suscetibilidade e de orgulho, aviltando a delicadeza inata dos sentimentos, a flor dos sonhos de adolescência, no áspero contato do mundo. Não teve de

⁹ GRAÇA ARANHA. Machado de Assis & Joaquim Nabuco. Correspondência

pedir, humilhar-se, tolerar a proteção impertinente, a indiferença ou a hostilidade dos outros. No Colégio, na Academia, seu nome e sua natural distinção levaram-no aos primeiros lugares. Iluminava-o o reflexo da posição de seu pai, ministro, senador e Conselheiro de Estado. Ele conta a respeitosa admiração com que o censor do colégio contemplava o filho do quase Presidente do Conselho! Era um ente privilegiado, para o qual a vida se abria fácil e brilhante. (BELO, 1935, p. 75)

Ao contrário do que indicava tal colocação, de acordo com pesquisa feita por Alonso (2007) Nabuco não teve um desempenho suficiente nos últimos anos de faculdade e um de seus professores ponderou: “Que explicação havemos de dar ao senador, pai do rapaz?”, Joaquim Nabuco não era recomendado pelo seu engajamento com os estudos ou por sua assiduidade nas aulas, mas era bastante chegado as literarices:

Em 1868, imitou Sizenando, bem sucedido dramaturgo amador, com a peça Os Destinos. Foi ofuscado por Antônio de Castro Alves, que vinha famoso do Recife de par com Rui Barbosa. Quinquim tentou suplantá-lo com o longo poema “A humanidade”, onde simulava um diálogo com Deus à maneira de “O navio negreiro”, fazia uma condenação moral à escravidão, à Igreja e à Monarquia:

Os reis são o flagelo dos impérios, vermes cobertos de ouro que eu desprezo. [...] Mas enquanto os versos de Castro Alves acabavam em brados revoltos, os seus nutriam vago otimismo: [...] O mundo é um teatro de infortúnio, mas há de ser um éden de venturas. (ALONSO, 2007, p. 26).

Para concluir sua formação em direito, Quinquim migrou para Recife, era comum que a elite imperial brasileira da época circulasse entre grandes faculdades de direito. Essa trajetória fez parte da formação política e intelectual de Quinquim. Foi em Recife que, mais uma vez apontou para as letras, tornando-se membro da Associação Literária Estudantil Arcádia.

Durante toda sua trajetória, uma das maiores influências na vida de Joaquim Nabuco, foi, sem dúvida nenhuma, seu pai – *Um Estadista no Império*, talvez, seja a prova mais evidente disso – seu pai teve um papel determinante na sua formação moral e política como ele mesmo explica:

Por onde quer, entretanto, que eu andasse e quaisquer que fossem as influências de país, sociedade, arte, autores, exercida sobre mim, eu fui sempre inteiramente trabalhado por outra ação mais poderosa, que apesar, em certo sentido, de estranha, parecia operar sobre mim de dentro, do fundo hereditário, e por meio dos melhores impulsos do coração. Essa influência, sempre presente por mais longe que eu me achasse dela, domina e modifica todas as outras que invariavelmente lhe ficam subordinadas. É aqui o momento de falar dela, porque não foi uma influência propriamente da infância nem do primeiro verdor da mocidade, mas do crescimento e amadurecimento do espírito, e destinada a aumentar

cada vez mais com o tempo e a não atingir todo o seu desenvolvimento senão quando póstuma. Essa influência foi a que exerceu meu pai. (NABUCO, 1963, p.158)

Nabuco só vai morar com seu pai depois dos oito anos de idade e ao sair da casa da Madrinha no Recife, foi ao lado dele que seu gosto pela leitura começou, antes disso tinha pouco acesso a livros tendo em vista que em Massangana a biblioteca da Madrinha não oferecia tantos exemplares quanto a biblioteca do pai. E foi a partir desse momento de mudança que a influência do pai começou, todavia, neste momento, ainda não tivesse a intenção de seguir a carreira política.

Antes de pensar na vida política, Nabuco já aspirava ser poeta, e estava começando sua carreira no mundo letrado, logo que voltou de Londres quis exibir no Brasil o que havia aprendido por lá, fez três conferências de pintura: a escola veneziana; Rafael e Michelangelo. Seu pai, muito orgulhoso do filho, fez com que o Imperador estivesse presente entre os assistentes e fez questão de publicar as falas de seu filho no jornal *O Globo*, que na época era dirigido por Quintino Bocaiúva. Essa foi a porta de entrada de Nabuco para o jornal como colunista, Nabuco pai, queria que o filho ficasse na sessão de política do jornal, mas Nabuco filho queria mesmo era ser poeta e se tornou um comentarista da cena cultural do Rio de Janeiro.

Nessa época Nabuco era debutante no mundo literário, em seu momento como colunista do jornal *O Globo* falava sobre *darwinismo*, comentava sobre peças da temporada, e sobre literatura. A polêmica com José de Alencar começou neste momento, Nabuco e Alencar tinham visões muito diferentes de nacionalidade brasileira, além da visão de mundo completamente oposta entre os dois. A polêmica entre eles começa por esse motivo:

Foi duro na apreciação de *O Jesuíta*, de Jose de Alencar, que além de romancista estabelecido, era senador¹⁰ e conselheiro de Estado pelo partido conservador. Ficou ofendido e respondeu com rispidez. Então Quincas, cheio de veleidades literárias, desancou um a um, todos os seus romances. Sua geração inteira enjeitava o indianismo de Alencar, a marca da nacionalidade construída com o Segundo Reinado. De modo que a crítica, sendo literária, era também política. Na polêmica que se seguiu, Alencar se concentrou no primeiro campo, debulhando as regras da boa escrita. (ALONSO, 2007, p. 60).

¹⁰ Acreditamos que Angela Alongo enganou-se ao definir Alencar como senador.

O choque foi cultural os dois viviam momentos distintos em suas vidas pessoais e profissionais, por esse motivo vemos nessa polêmica uma diferença de ideias muito grande. Mas neste episódio já podemos encontrar as raízes abolicionistas de Nabuco. Era ano de 1875, Alencar então com quarenta e cinco anos – dois antes de sua morte, já era um dos escritores mais importantes do Brasil –, Quinquim – voltara a pouco da Europa – disposto a entrar para o mundo literário, com apenas vinte e cinco, tinha ousadia o suficiente para fazer duras críticas como grande entendido deste meio.

As vidas de Alencar e Nabuco se cruzam em setembro de 1875, opondo, de um lado, um homem abatido pela tuberculose, que se sentia prematuramente envelhecido e que via suas concepções políticas e estéticas sendo paulatinamente postas de lado num mundo em rápida transformação, onde tudo parecia estar ruindo; e, de outro, um jovem recém-chegado da Europa, informado sobre as novidades dos centros irradiadores de cultura, que voltava para casa sedento por se afirmar e por ver o seu talento publicamente reconhecido. (MARTINS, 2010, p. 16-17)

Nesse confronto entre Alencar (1829 -1877) e Nabuco, temos duas gerações que se cruzam. O escritor romântico, que tinha como ideia fixa uma representação do Brasil pela ficção, entra em choque com o jovem cosmopolita que quer a modernização do seu país através das ideias novas trazidas da Europa. O choque é representativo da mudança ocorrida no Brasil a partir de 1870, do fim da Guerra do Paraguai, da Lei do Ventre Livre, da fundação do Partido Republicano. É a nova geração que surge daí e busca ocupar os espaços da precária esfera pública brasileira.

É importante ressaltar que desde muito cedo, Nabuco já se mostrava abolicionista. Sobre a obra *Mãe* (1860), de José de Alencar, Nabuco faz uma crítica direta, mostrando desde já suas influências que no futuro lhe colocariam como um dos grandes representantes do tema. A peça narra a situação da mãe escrava herdada pelo próprio filho, e Nabuco escreve a seguinte crítica:

A arte nada tem que ver nesse mercado de carne humana, que o autor pôs em cena” e “Tudo o que há de triste, de raro, de extraordinário, de inverossímil nesse fato, devia impedir o Sr. J. de Alencar de explorá-lo e de carregar ainda de cores tão sombrias a escravidão, já de si tão triste. (COUTINHO, 1965, p. 110 – 111)

José de Alencar decide responder ao jovem, e na sua resposta busca argumentos de que a literatura é definida pelos dramas da vida: “É o assunto dos

dramas o que define uma literatura e a caracteriza, ou é, ao contrário, a escola desse drama, o que lhe imprime o cunho? Assim o característico do teatro de Sófocles, segundo o Sr. Nabuco, será o incesto” (COUTINHO, *Ibid.*, p. 59).

Schwarz no primeiro capítulo do livro *Ao Vencedor as Batatas* (1988), caracteriza autores que refletem a disparidade entre a sociedade brasileira escravista e as ideias do liberalismo europeu, de acordo com Schwarz (1988, p. 13) “Para as artes Nabuco expressa um sentimento comparável quando protesta contra o assunto escravo no teatro de Alencar”. Há nesta polêmica um contraponto de um lado Alencar com a defesa da denúncia da escravidão, da denúncia da hipocrisia inglesa, enquanto de outro lado Nabuco como abolicionista, racionalista. Podemos ver nesse contraponto a maturidade de Alencar como escritor, obviamente, e a pouca maturidade de Nabuco como escritor e crítico. “Nabuco põe o dedo em fraquezas reais, mas para escondê-las; Alencar pelo contrário incide tenazmente, guiado pelo senso da realidade, que o leva a sentir, precisamente aí, o assunto novo e o elemento brasileiro”. (Schwarz, 1988, p. 32). Nesse balanço, o crítico mostra as contradições do embate entre o jovem cosmopolita e o velho escritor consagrado.

O realismo de Alencar inspirava a Nabuco dupla aversão: uma por não guardar as aparências, e outra por não desrespeitá-las, com digamos, a devassidão escolada e apresentável da literatura francesa. É como um cidadão viajado que voltasse para sua cidade, onde o mortificam a existência de uma casa de mulheres, e o seu pouco requinte. (SCHWARZ, *Ibid.*, p. 31).

O primeiro defende a modernização do Brasil, mas se mostra incapaz de aceitar que a escravidão seja tratada diretamente, levada ao palco. O segundo, Alencar, mesmo sendo conservador, traz para a cena confrontos próprios da realidade brasileira. No caso, a cena da mãe que é escrava do próprio filho, sem que este soubesse.

No livro *Minha Formação*, podemos perceber que Nabuco carrega uma forte influência europeia, esta fica muito clara em sua primeira viagem para a Europa. Seus deslumbramentos são muitos, principalmente os artísticos e literários o que faz com que suas sensações políticas sejam adormecidas. Segundo Nabuco, “para um jovem brasileiro recém chegado em Paris é impossível imaginar sensação política que não fosse adormecida logo pela sensação de arte encontrada por lá” (1963, p. 50), e completa explicando como ficariam a partir de agora, como um conhecedor da cultura europeia, os seus acontecimentos políticos e literários,

De todos esses lugares da Suíça ou da Itália, de Fontainebleau, de Paris, de Londres, não trago se não impressões de arte, impressões literárias, impressões de vida; o grande efeito em mim dessa viagem é assim apagar a política **suspender durante um ano**, inteiramente, a faculdade política, que, **uma vez suspensa, parada, está quebrada e não volta mais a ser a mola principal do espirito**. (1963, p. 49, grifos nossos)

Vale atentar para o efeito direto que a viagem à Europa lhe causou. Uma *suspensão* do interesse político. O envolvimento com a vida cotidiana brasileira, a preocupação com a situação dos escravos ou o interesse pela carreira pública desfazem-se pelo mergulho na vida cultural europeia. Note-se que estamos lidando com um típico representante da elite brasileira do final do Império, preocupada em modernizar o país, mas que ao se estabelecer na Europa se sente bem aclimatado na cultura francesa. No caso de Nabuco, isso fica evidente pelo entusiasmo e pelo conhecimento da língua e da cultura francesa.

2 ANÁLISE DE DOIS CAPÍTULOS EM MINHA FORMAÇÃO

2.1 Casos exemplares

Dois são os grandes exemplos literários na formação de Nabuco: o filósofo e historiador Ernest Renan (1823-1892)¹¹ e o poeta Luís Vaz de Camões (1524 - 1580). O primeiro é o seu maior exemplo da leitura e de escrita em língua francesa. Renan foi, durante a formação de Nabuco, um de seus primeiros leitores – Nabuco costumava enviar exemplares de seus escritos diretamente para França para que Renan fizesse a leitura e retornasse com a sua opinião. Ganhou o reconhecimento de Renan quando mandou para ele seus escritos em francês.

Já o poeta português é seu maior exemplo de escrita poética e seu marco de entrada para literatura. Nabuco era um grande admirador e leitor de Camões, foi comentarista da vida e obra do poeta. Embora já tivesse, escrito alguns panfletos, e durante a faculdade de direito tivesse participado de jornais e associações literárias, foi sobre Camões o seu primeiro manifesto como representante da geração de 70 brasileira; essa foi a sua primeira publicação de peso: *Camões e os Lusíadas* (1872). Renan e Camões são dois grandes exemplos na formação literária de Joaquim Nabuco.

¹¹ Joseph Ernest Renan nasceu em 28 de fevereiro de 1823 e morreu em 2 de outubro de 1892, foi um escritor, filósofo, e professor francês. Suas principais obras são: *Vida de Jesus* e *Souvenirs d'enfance et de jeunesse*.

2.1.1 Cosmopolitismo: Renan e Camões

Enquanto Brás Cubas foi mandado à Europa por seu pai para afastá-lo de um romance com uma cortesã, Marcela, Nabuco, ao contrário, foi impedido de ir por culpa de um romance. O aspirante a político planejava a viagem com a desculpa de que queria aperfeiçoar seus estudos, mas na verdade, sua motivação era amorosa, queria reencontrar uma paixão do passado, mas seu pai interrompeu todas as suas tentativas de ir tendo em vista que o pretexto era apenas amoroso. Assim Nabuco vivia uma época de grande decepção amorosa, inflado por poemas byronianos, usava a poesia para enfrentar as decepções.

Em agosto de 1864 escreveu o poema *Morte*, e em março de 1865 o soneto *Nada*. A influência de Renan na vida e obra de Nabuco já começava a ficar nítida: [...] “Esse estado de espírito alimentou a decepção religiosa, própria do tempo de triunfo científicos e voga evolucionista. Cismou sobre a existência e adotou o misticismo vago, inspirado na filosofia agnóstica e popular de Ernest Renan.” (ALONSO, 2007, p. 36). Não é demais lembrar que o autor francês escreveu *A vida de Jesus* (1863), em que narra a história de Jesus enquanto homem excepcional, mas apenas enquanto alguém inserido na história, sem dimensão transcendente ou divina. A obra causou bastante impacto e foi vastamente divulgada e difundida. Isso ajuda a entender um pouco melhor a força de Renan sobre a nova geração que busca romper com a tradição religiosa do catolicismo.

Outra influência de Renan na vida de Nabuco aconteceu quando Alexandre Dumas, que era o romancista do momento, escreveu *L’homme-femme* (1872), defendendo o direito do marido traído de matar a mulher, Nabuco pensando em sua amada que estava na Europa, escreveu um panfleto de contestação e achou que seu panfleto era tão bom que merecia uma leitura de Ernest Renan, então mandou um exemplar para França: *Le Droit au meurtre* (1872), o ídolo Renan recusou-se a ler, alegando que Alexandre Dumas não era merecedor de uma réplica.

Como podemos perceber, Ernest Renan é uma das maiores influências de Nabuco, não por acaso. Renan era um escritor francês de prestígio, além de também ter sido filósofo, filólogo e historiador. Tamanha importância fica nítida pelo fato de que Nabuco dedica um capítulo do seu livro para ele, o desenvolvimento do

pensamento de Nabuco, e de sua formação como leitor e escritor deve-se muito a Renan, é por ter lido muito deste autor que Nabuco justifica o fato de seu maior conhecimento de leitura ser em francês e não na sua língua materna.

Na minha vida tenho conversado com muito homem de espírito e muito homem ilustre; ainda não se repetiu, entretanto, para mim, **a impressão dessa primeira conversa de Renan**. Foi uma impressão de **encantamento**; imagine-se **um espetáculo incomparável de que eu fosse espectador único**, eis aí a impressão. Eu me sentia na pequena biblioteca, diante dos **deslumbramentos daquele espírito sem rival**, prodigalizando-se diante de mim, literalmente como Luís II da Baviera na escuridão do camarote real, no teatro vazio, vendo representar os *Niebelungen* em uma cena iluminada para ele só. **Dessa entrevista não saí só fascinado, saí reconhecido**. (NABUCO, 1963, p. 64, grifos nossos)

Vale ressaltar o que há de exemplar nessa relação particular entre os dois. Temos aqui a construção de relação: um brasileiro, que domina perfeitamente o francês e que procura o reconhecimento de seu ídolo francês. É recebido por ele, recebe indicações de leitura e referências, Nabuco mostra suas leituras, ouve suas sugestões... Essas são algumas marcas da procura por um modelo em que o intelectual brasileiro buscou espelhar-se. Depois de sua viagem à Europa, onde conheceu pessoalmente o ídolo, sua idolatria ficou mais clara ainda, não apenas pelo fato de Nabuco admirar Renan, mas sobretudo por Renan ter lhe possibilitado conhecer outros intelectuais aos quais ele gostaria muito de ser apresentado, como por exemplo: Taine, Scherer, Littré, Laboulaye, Charles Edmond, que depois lhe apresentaria a George Sand, Barthélemy Saint-Hillaire, por intermédio dele também conheceria Thiers. Quando Nabuco publicou seu livro de poemas *Amour et Dieu* (1874), enviou um exemplar ao seu, agora amigo, Ernest Renan e recebeu a seguinte resposta:

Sèvres, 15 août 1874 - Cher monsieur, J'ai tardé plus que je n'aurais dû à vous dire tout ce que je pense de vos excellents vers. Je voulais les relire et, puis, j'espérais quelque vendredi vous voir à Paris. Oui, vous êtes vraiment poète. Vous avez l'harmonie, le sentiment profond, la facilité pleine de grâce. Si vous voulez venir après demain, lundi, vers trois ou quatre heures, rue Vanneau, vous serez sûr de me trouver; nous causerons. Je suis prêt à faire tout ce que vous voudrez pour la Revue et les Débats. Malheureusement ces recueils sont depuis longtemps brouillés avec la poésie. Ce sont des vers comme les vôtres qui pourraient les réconcilier. Croyer à mes sentiments les plus affectueux et les plus dévoués. - E.

Renan. (NABUCO, 1963. p. 65).¹²

Renan não apenas reconheceu Nabuco como poeta como também ficou à disposição do amigo para lhe abrir caminhos. Nessa resposta, Ernest Renan ainda situou sua obra como uma ponte entre “a poesia e os estudos”. Era a primeira vez que Nabuco escrevia algo de peso em francês e por ter recebido esta resposta, se sentiu fazendo época na vida: “Não é verdade que, para um jovem brasileiro que escrevia pela primeira vez o francês, uma carta assim devia ser uma sensação de fazer época na vida?” (NABUCO, 1963, p.65). O encontro foi para Nabuco o reconhecimento de sua cultura letrada, a confirmação da sua fluência no idioma francês. O seu atestado de participante da cultura europeia que tanto admirava.

Anos mais tarde, Nabuco se decepcionou bastante ao ler a obra posterior de Renan, os *Souvenirs d'Enfance et de Jeunesse* (1883), onde era explicado que Renan, era extremamente cortês com jovens escritores, e que não se importava de mentir para esses autores quando necessário. Se Renan foi simplesmente cortês e mentiu ou não para Nabuco, não sabemos até hoje. O que sabemos é que o pernambucano tirou uma boa lição desse momento. No livro *Minha Formação*, no capítulo denominado Ernest Renan, antes de contar seu encontro com o ídolo, Nabuco faz uma advertência a jovens poetas.

Desde que toquei na ilusão do autor, vou abrir um parêntesis para uma reminiscência, que talvez previna os jovens poetas contra uma das ciladas mais frequentes no caminho da mocidade, e até a velhice, a do elogio que de qualquer modo forçamos ou, mesmo, somente desejamos. (NABUCO, 1969, p. 63)

Na distância de aproximadamente trinta anos entre o encontro com Renan e a escrita de suas memórias, Joaquim Nabuco não abandonou sua admiração pelo historiador francês, mas percebe que a impressão de igualdade era um gesto de

¹² Caro senhor, eu atrasei mais do que eu deveria para lhe dizer o que eu penso de seus grandes escritos. Eu queria lê-los, eu esperava que você viesse em qualquer sexta-feira a Paris. Sim, você realmente é um poeta. Você tem harmonia, profundo sentimento, vontade, cheio de graça. Há no seu poema uma ponte entre a poesia e os estudos. Se você quiser vir depois de amanhã, segunda-feira, por volta de três ou quatro horas, Vanellus Street, você vai ter a certeza de encontrar-me. Estou pronto para fazer o que quiser para o Jornal e Debates. Infelizmente, estas coleções não têm tido êxitos com a poesia. Estes são os versículos com o que a sua poesia poderia conciliar. Meus sentimentos mais afetuosos e devotados. – E. Renan.

polidez, uma máscara usada para todos jovens iniciantes. Essa marca desfaz o orgulho passado e transforma-o em lição de humildade. Para o leitor de hoje, serve para mostrar o esforço de aproximação do brasileiro que luta por ser reconhecido com igual pelo intelectual europeu.

Outra grande referência para Nabuco como leitor foi o poeta Luís de Camões. Embora o poeta apareça pouquíssimo no livro *Minha Formação*, e não tenha havido nenhum capítulo no livro que seja dedicado exclusivamente a ele, como é o caso de Renan, é possível perceber que, ao longo da trajetória de vida de Joaquim Nabuco, Camões tem uma posição central.

A importância de Camões nesse caso deve-se exclusivamente ao fato de que esta foi a escolha de Joaquim Nabuco para uma de suas mais importantes atividades literárias: a crítica. Nabuco comentou a vida e obra de Camões em três momentos. Não tinha ambição de fazer um estudo exaustivo fosse da obra ou da vida do autor português. Em sua atividade como crítico, de pouco tempo, Joaquim Nabuco foi um diletante, assim como ele mesmo define sua formação no prefácio do livro *Minha Formação*. Não podemos afirmar que sua atividade como crítico tenha sido uma atividade profissional, ao que tudo indica, foi uma necessidade do autor de mostrar publicamente toda a sua admiração pelo poeta português.

Para Nabuco, o exercício da crítica foi uma forma de manifestar suas admirações literárias e de intervir no debate cultural dos anos de 1870. Vale lembrar que, depois do livro publicado em 1872, Nabuco fundou com alguns companheiros o jornal *A epocha*, em 1875. A publicação, que teve apenas três números, tinha o objetivo de divulgar as novidades da cultura letrada.¹³ Essa experiência literária se deu no final do ano de 1875, logo após a polêmica com José de Alencar. Por uma rápida leitura, pode-se pensar no esforço de fazer uma publicação francesa em língua portuguesa, uma expressão afinada às novas ideias francesas. Não é demais lembrar que Machado de Assis contribuiu com contos nessa publicação, tal como *A chinela turca* (1875), republicado depois em *Papeis Avulsos* (1882). Voltando à sua produção crítica sobre Camões, talvez seja possível afirmar um gosto pela formação clássica, de raiz portuguesa, em oposição às escolhas românticas. De certa forma,

¹³ O jornal pode ser consultado no site da Biblioteca Nacional. São apenas três números. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=352349&pasta=ano%20187&pesq=chinela%20turca>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

um desdobramento da polêmica com Alencar.

Para responder a pergunta sobre porque Nabuco escolheu Camões para ser comentarista crítico, encontramos aqui duas explicações: Conforme Drumond (2012, p. 57), para o autor Luís Viena Filho no ano de 1876 Nabuco “não tinha mais o que fazer” e “gastou tempo em ensaio sobre os Lusíadas [...] quando ainda uma vez, faminto de celebridade e de pressa, se viu de braços cruzados diante do tempo, que voava”. Ainda de acordo com Drumond (Ibid., p. 175). Para Antônio Carneiro Leão, o argumento é justamente o contraponto “Nabuco desde a juventude mostrou-se devoto de Os Lusíadas, fiel conrito do estro de Camões”.

A pergunta é realmente intrigante, ao analisarmos a vida e obra de Nabuco percebemos que suas influências explícitas são os franceses em geral, porém, para o serviço de crítico de literatura, os franceses foram deixados de lado, e foi para a obra de Camões que Nabuco voltou suas observações e seus estudos. Seus estudos camonianos foram divulgados em três momentos distintos de sua vida, na juventude, na maturidade e na velhice, nos anos de 1872, 1880 e 1908 respectivamente; em todos os estudos é possível perceber a admiração do autor pelo poeta. Por tais motivos é possível perceber que o poeta português fez-se presente em praticamente toda a trajetória de vida de Nabuco, neste caso o primeiro argumento de Luis Viena Filho, dizendo que Nabuco “não tinha mais o que fazer” está descartado e ficamos com o argumento de Antônio Leão.

Sobre o fato de Camões não ser tão citado no livro *Minha Formação*, uma possível justificativa pode ser encontrada no livro *Minha Formação* na introdução feita por Gilberto Freyre. Freyre explica as lacunas que ficaram no livro,

“Está aí muito da minha vida”, escreveu o próprio Nabuco ao prefaciar *Minha formação*. Mesmo assim talvez tenha sido muito exagerado ao escrever “Muito da minha vida”. O que se revela é uma complexa personalidade. “As lacunas desse livro”, também as reconhece Nabuco no mesmo prefácio. Mas sem especificá-las. A verdade é que são muitas do ponto de vista autobiográfico. (FREYRE, 1963, p.XI)

Camões está nessas lacunas que Gilberto Freyre apontou, talvez fosse algo tão obvio no seu âmbito de conhecimento que não precisava entrar para o registro autobiográfico. Sua importância já estava devidamente registrada nas conferencias que realizou em vida.

Não é demais lembrar que Camões, além de ser um autor canônico,

representava na leitura de Nabuco uma volta aos ideais clássicos, numa busca de rigor na composição que levava a um afastamento do romantismo. Como veremos a seguir, há uma face política também em Nabuco. No caso de se voltar para as letras francesas e para a literatura portuguesa, ele está sinalizando para uma concepção cosmopolita de cultura.

2. 1.2 Localismo/Massangana

No livro *Minha Formação*, fica evidente o quão difícil é fazer uma separação entre a política e a literatura na vida de Nabuco. Durante boa parte da sua vida as duas ocupações ocuparam papel central, como ele mesmo explica: “Desde a Academia a literatura e a política alternaram uma com a outra, ocupando a minha curiosidade e governando as minhas ambições” (NABUCO, 1963, p. 59).

A política tomou uma grande proporção, talvez por ter sido este o seu objetivo. A vida de Joaquim Nabuco no engenho Massangana é uma das fases mais determinantes da sua formação, e um dos capítulos mais bonitos do livro *Minha Formação*. É neste capítulo que Nabuco resgata sua memória afetiva da escravidão, sua experiência infantil de vivência com os escravos, como acontecimentos determinantes para sua futura formação como abolicionista quando adulto.

Em Massangana é possível perceber o lirismo de Nabuco. Encontramos um escritor maduro que influenciado por grandes escritores, tornou-se um escritor admirável. É o que explica Alfredo Bosi em entrevista a revista *Valor*:

É difícil distinguir na obra de Nabuco o componente político do literário. Em uma obra memorialista como *Minha Formação*, **o político está presente ao historiar sua luta liberal e abolicionista**. Digamos que foi esse o objetivo maior do seu projeto como homem público. **Mas a memória não se exprime sem a configuração de imagens penetradas de sentimentos**. Imagens e sentimentos são o corpo e a alma da forma literária. No antológico capítulo “Massangana”, encontramos **Nabuco escritor, sensível, reflexivo, mas cioso da clareza** que aprendeu na leitura atenta dos escritores franceses do século XIX. Nabuco é um escritor excepcional no quadro dos estilistas rebuscados do seu tempo. Tudo nele é transparente. (BOSI, 2012, grifos nossos).

Fica claro que o capítulo Massangana faz parte da formação política mas também é através dele que Nabuco se concretiza como um grande escritor. Bosi mostra como o político e o escritor se misturam. Nos de 1870, não havia ainda uma separação nítida entre os campos culturais, nem uma divisão nítida do trabalho intelectual. Nesse sentido, a escrita do político ecoava as marcas da retórica literária. A literatura era, por sua vez, um campo de experimentação das ideias políticas. Intervir na sociedade pelo fazer política não estava separado do fazer literário. No caso de Massangana, a memória pessoal é lida pelo homem maduro como primeiro indício da luta política pela abolição da escravatura no Brasil. Os anos que viveu neste engenho contribuíram para sua formação moral definitiva, como ele mesmo explica:

Os primeiros oito anos da vida foram assim, em certo sentido, os de minha formação, instintiva ou moral definitiva...Passei esse período inicial, tão remoto, porém mais presente do que qualquer outro, em um engenho de Pernambuco, minha província natal. (NABUCO, 1969, p. 180)

Neste momento é importante ressaltar a posição do capítulo Massangana no livro *Minha Formação*, Nabuco escolheu deixá-lo entre os capítulos *Eleição de deputado* e *A Abolição*, ao que tudo indica esta foi uma escolha consciente, como ressalta Bosi,

Não me parece aleatória a sua posição no corpo do livro: fica entre os capítulos "Eleição de deputado" e "A Abolição", ou seja, entre memórias de 1878 e 1888, decênio que é o tempo forte da campanha pela libertação dos escravos. Para narrar as horas decisivas do militante, o memorialista precisou interromper o relato da luta política, descer ao poço das recordações e de lá fazer subir à tona da escrita uma imagem submersa pelo tempo. Não imagens soltas e erráticas, mas uma só, luminosa, coerente, prenhe, como a chamaria a psicologia da Gestalt. Nem diz outra coisa a abertura do capítulo: "O traço todo da vida é para muitos um desenho de criança esquecido pelo homem, mas ao qual ele terá sempre que se cingir sem o saber...". (BOSI, 2010, p. 88)

É fato que sua relação com o tema da escravidão começou muito cedo, no engenho Massangana, todavia essa influência só foi colocada em prática no ano de 1869, quando defendeu um escravo de nome Tomás que havia assassinado seu senhor e um guarda que o tinha impedido de fugir da prisão. Tomás foi julgado como réu nos dois crimes cometidos.

Enquanto isso Nabuco estava em fase de conclusão do seu curso de direito, fazer a defesa de um caso era parte do encerramento da formação como advogado,

a faculdade dava ao estudante a possibilidade de escolher um caso de seu interesse, para ir até o tribunal. Nabuco escolheu um caso complexo, como explica Alfredo Bosi (2010, p. 92) “a causa estava de antemão perdida, mas para Nabuco era o primeiro banco de prova do juramento feito sobre os ossos dos escravos de Massangana”. Nabuco escolheu um tema polêmico que assinalaria a sua trajetória. A problemática que marcaria sua vida, segundo Angela Alonso.

No último ano do curso de direito, os alunos costumavam defender um réu no tribunal. Quincas farejou um caso de visibilidade. O escravo Tomás matará seu senhor e um guarda. No processo justificou-o: criado como se livre fosse, reagiria a escravidão com um livre teria feito. Esse gênero de argumentação fora introduzido na justiça com grande repercussão por Luiz Gama, um ex escravo que se fizera advogado em São Paulo. Do caso Tomás teve a comutação da força em galés perpétuas – o resultado usual – a ideia de um opúsculo político. (ALONSO, 2007, p. 44)

As aulas de retórica do colégio Pedro II foram colocadas em prática mais uma vez, Joaquim Nabuco foi ao tribunal defender Tomás e para fazer sua defesa considerou a escravidão um crime: “ao escravo tinham sido ilegítimamente subtraídos o direito de dispor do próprio corpo, alienado ao senhor, e o direito à vida, por força da pena de morte assinada no seu primeiro julgamento. ‘Assim’, propõe Nabuco, ‘veremos como a escravidão ataca o direito da propriedade’”. (NABUCO apud BOSI, 2010, p. 93). Para Nabuco o crime que deveria ser resolvido era o crime que havia ocorrido muito antes do caso de Tomás, o crime da escravidão.

Para concluir a defesa, Nabuco escreveu uma peça processual a que deu o título *A Escravidão*, o texto só ficou conhecido *post mortem*, quando a viúva, Evelina Nabuco, decidiu doar o texto ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o motivo do texto não ser nem ao menos mencionado no livro *Minha Formação* é desconhecido, talvez seja mais uma das lacunas das quais mencionou Gilberto Freyre, mas neste documento podemos perceber que Nabuco, então com 21 anos, já era um conhecedor da história da escravidão, desde a antiguidade, como mostra Bosi:

Não se conhecem as razões do ineditismo dessa obra juvenil. Em *Minha formação*, ele traça a memória daqueles anos fecundos que precederam a elaboração da Lei do Ventre Livre, destacando o trabalho jurídico do pai, o senador Nabuco de Araújo, e os seus contatos com a Anti-Slavery Society, cujas publicações traduzia e dariam munição para os discursos abolicionistas. Mas não se detém na história do texto de *A escravidão*. No entanto, essas já traziam argumentação cerrada contra o instituto do cativo. Nabuco mostra-se conhecedor da história da escravidão desde a

Antiguidade, e é notável a riqueza de dados sobre o tráfico ilícito que apresenta, provavelmente extraídos do livro que ele chamaria mais tarde "o grande manancial", *A escravidão no Brasil*, de Perdigão Malheiro. A obra, recém-publicada, já era conhecida entre os membros do Instituto dos Advogados, a que pertencia o senador Nabuco de Araújo. (BOSI, 2010, p. 92)

Oito anos depois de ter concluído a faculdade de direito, Joaquim Nabuco se tornou deputado na província de Pernambuco. Assim, iniciou sua trajetória como abolicionista, juntamente com outros deputados. Nabuco cumpriu seu mandato e tentou a reeleição, não foi reeleito, dedicou-se então a escrita de folhetos onde denunciava a escravidão e sua ligação com a monarquia.

Inspirado no filósofo grego Epicteto¹⁴, Joaquim Nabuco escreveu *Escravos! Versos franceses e Epicteto* (1886) – mais uma vez a marca francesa ficou evidente – a primeira publicação do opúsculo foi feita no ano de 1886 alguns anos depois da publicação do livro *O Abolicionismo*, trata-se de versos escritos em língua francesa com tradução para o português onde Nabuco faz distinção entre a escravidão na antiguidade e a escravidão do seu tempo, século dezenove. Para Joaquim Nabuco a escravidão da sua época era muito mais cruel do que a da antiguidade.

Oh, é horrível de dizer, mas é preciso que se leia. O nosso grande mercado é esse mercado negro... Perto do throno, no senado, nos tribunaes, na Igreja, os Negreiros, em toda a parte levantaram os seus talhos (...) É o mercado de um povo em proveito de uma Casta; onde o forçado compra a criança que lhe agrada, donde o cobarde leva consigo o bravo, o vicioso leva a pura, que, se fôr mãe não terá mesmo direito ao seu leite. Grande feira de sangue, onde se vender por bocados uma raça que acaba de ser abatida inteira... onde o padre de Deus, depois que disse a Missa, e levando debaixo do braço os pesos usurários de Shylock.¹⁵ (NABUCO, 1886, p. 73)

Nabuco faz referência a escravidão da sua época como uma escravidão mil vezes pior do que a Escravidão da antiguidade: “É a escravidão dos Negros! A Escravidão Moderna! Mil vezes mais vergonhosa, mil vezes mais sanguinária do que no tempo em que Nero saía da taverna, tendo por archote resinoso o escravo, que ardia...” (NABUCO, 1886, p. 69) Não se trata de uma defesa da escravidão da antiguidade, mas sim uma comparação mostrando o quanto a escravidão do Brasil foi pior. Aqui o escravo era declarado escravo apenas pela cor da sua pele.

¹⁴ Foi um filósofo grego estoico que viveu a maior parte de sua vida em Roma, como escravo. Disponível em: <http://www.filosofia.com.br/historia_show.php?id=36>. Acesso em: 10 dez. 2015.

¹⁵ Personagem de Shakespeare da peça *O mercador de Veneza*.

De acordo com Dinnuci¹⁶ (2008), em Epicteto encontramos a doutrina do amor à liberdade e sua aplicação prática. Pode-se dizer que a filosofia de Epicteto é a verdadeira filosofia da liberdade em ação. Nabuco faz um chamado a Epicteto e o coloca na situação de alguém que pode mudar a mente do imperador Dom Pedro II:

É assim que, através da distância que nos separa, tu te sentes acordar no fundo de teu sepulcro, pelo gemido articulado em um latim bárbaro, de escravos, como tu eras, em um Mundo que não conhecestes, [...] para te pedir, ó Frígio, um milagre, a ti de quem o grande Marcos Aurélio tinha amor em ser discípulo, e que foste para ele o mais nobre dos reis, o oráculo que lhe transmitia toda a vida as respostas dos deuses. Faze ao Brasil inteiro, grande Escravo, esta esmola: Deixa o teu espírito, que brilha imortal na noite do erro, dissipar ainda uma vez as trevas de um trono, e lançar ainda um reflexo à frente de um imperador. (NABUCO, 1886, p. 75 apud DINUCCI, 2008, p. 11-12)

Tamanha a importância teve esse filósofo para Nabuco que, não por acaso, no encerramento do livro *Minha Formação* Nabuco faz um balanço da sua vida, dizendo que olhou a vida de várias perspectivas diferentes, com vários “vidros diferentes” e encerra o livro citando o filósofo Epicteto: “mas em despedida ao Criador, espero ainda olhá-la através dos vidros de Epicteto, do puro cristal sem refração: a admiração e o reconhecimento...” (NABUCO, 1963, p. 260) Como bem explicou Alfredo Bosi: “Glosando uma frase de Pascal, será justo dizer que onde se procura encontrar o político Nabuco o que se descobre é o homem Nabuco, aquele que transformou o sentimento em ideia e a ideia em ação” (2010, p. 104).

¹⁶ Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe, Coordenador do Viva Vox, grupo de pesquisa em filosofia clássica e helenística. Doutor em filosofia pela PUC-RJ. Publicou tradução anotada e comentada do Manual de Epicteto: aforismos da sabedoria estoica. São Cristóvão: Editora UFS, 2007.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, o objetivo desta pesquisa foi analisar dois capítulos específicos do livro *Minha formação*, partindo primeiramente de uma análise da sua formação como leitor e escritor e, logo em seguida, a análise de dois casos exemplares, escritores que foram modelo na vida de Nabuco: o francês Ernest Renan e o português Camões, o capítulo posterior fez a sua trajetória de leitura chegando até a sua posição de abolicionista.

Em um primeiro momento é possível perceber que, por ser membro da elite brasileira da época, filho de senador, formado em direito – fazendo a trajetória de praxe para a formação política em duas faculdades respeitadas – Nabuco não encontrou dificuldades em sua vida. Ao contrário, por onde passou encontrou muitas portas abertas, portas que abriram pela posição que seu pai ocupava na época, não precisou se esforçar para alcançar nada, quaisquer que fossem os seus objetivos, as coisas aconteciam em sua vida de maneira linear e natural.

Desde muito cedo, apontou para área das letras, desde o colégio Pedro II até a faculdade de direito, e essa relação perdurou ao longo de sua vida, seja como comentarista, escritor, colunista, embaixador ou até como deputado, as literatices lhe acompanharam ao longo da sua trajetória. Assim como sua relação com o abolicionismo, uma trajetória que também iniciou muito cedo, desde a sua infância no engenho Massangana até começar a colocar em prática como estudante de direito, quase advogado. Depois durante sua trajetória como colunista do jornal *O Globo* buscou essa temática, no caso da polêmica com Alencar, e assim continuamente esse tema foi aparecendo em sua trajetória ao longo de sua vida.

No capítulo *Massangana*, um dos mais belos do livro *Minha Formação*, encontramos Nabuco político e Nabuco escritor ambos conscientes e maduros de sua responsabilidade e suas competências. Esse capítulo é a representação direta de que a política e a literatura se misturaram na vida e na obra de Joaquim Nabuco e, portanto, foram determinantes na formação.

Esse vínculo profundo com o mundo rural brasileiro deixou marcas em Joaquim Nabuco, como vimos, mas não apenas nele. Há uma gama de grandes leitores que mostram como Nabuco deu forma para um problema de formação da elite brasileira. Como falamos na introdução, era intenção aproximar *Minha formação e Memórias póstumas de Brás Cubas*, mesmo que o romance tenha sido escrito quase vinte anos antes. A aproximação é cabível, pois há uma trajetória típica da elite brasileira, na experiência pessoal e familiar na escravidão no Brasil e a formação intelectual através da Europa. Machado mostrou o lado espúrio disto. Nabuco sofreu o dilema e representou essa particularidade como típica do homem latino americano.

Nós, brasileiros, o mesmo pode-se dizer dos outros povos americanos, pertencemos à América pelo sedimento novo, flutuante, do nosso espírito, e à Europa, por suas camadas estratificadas.[...] **Estamos assim condenados à mais terrível das instabilidades**, e é isto o que explica o fato de tantos sul-americanos preferirem viver na Europa... Não são os prazeres do rastaquerismo, como se crismou em Paris a vida elegantes dos milionários da Sul-América; a explicação é mais delicada e mais profunda: é a atração de afinidades esquecidas, mas não apagadas, que estão em todos nós, da nossa comum origem européia. A instabilidade a que me refiro, provém de que na América falta à paisagem, à vida, ao horizonte, à arquitetura, a tudo o que nos cerca, o fundo histórico, a perspectiva humana; que na Europa nos falta a pátria, isto é, a forma em que cada um de nós foi vazado a nascer. **De um lado do mar sente-se a ausência do mundo; do outro, a ausência do país. O sentimento em nós é brasileiro, a imaginação européia.** As paisagens todas do Novo Mundo, a floresta amazônica ou os pampas argentinos, não valem para mim um trecho da Via Ápia, uma volta da estrada de Salerno a Amalfi, um pedaço do Cais do Sena à sombra do velho Louvre. No meio dos luxos dos teatros, da moda, da política, somos sempre **squatters**, como se estivéssemos ainda derribando a mata virgem. (NABUCO, 1963, p. 40, grifos nossos).

No memorialismo de Nabuco, encontramos, então, uma condenação a que estava submetido, enquanto indivíduo, e que era expressão da condição latino-americana. No caso brasileiro, não se trata apenas da falta de história e de sedimentação, como está posto acima, mas de uma falha. Aqui ele fala da natureza, de uma história recente e não sedimentada, mas não toca no aspecto central da história brasileira, um país escravocrata.

As leituras de Nabuco nos permitem ver como se formou o jovem literato, fascinado pelas letras e pela cultura francesa, de tal modo que escreveu poema e drama em francês e busca reconhecimento em Ernest Renan. O jovem cosmopolita vem a ser autor de uma das principais obras sobre a escravidão no Brasil, O

Abolicionismo, mostrando os males e as marcas que o Brasil carregaria mesmo depois da abolição que fazia urgente.

Aparentemente haveria um hiato entre o escritor *afrancesado* e o político *abolicionista*. Cremos que não. Primeiro, há o olhar do cosmopolita, adepto das ideias novas, questionador do catolicismo que se volta para seu país e encontra uma expressão vergonhosa e iníqua: a escravidão. É pelo padrão europeu, que Nabuco reconhece a feição criminosa de um homem ser objeto, propriedade de outro homem. Além disso, ler e escrever literatura e fazer política não eram esferas estanques em um país que não contava ainda com a divisão do trabalho intelectual.

Voltando ainda a *Massangana*, podemos perceber outro aspecto. Há nesse capítulo, uma identidade com a esfera do sentimento evocada no capítulo *Atração do Mundo*. Nos dois casos, estamos lidando aparentemente com uma experiência pessoal, imediata que é da ordem do afeto. Trata-se do vínculo do coração. Note-se que o modelo de escrita das memórias foi o livro de Ernest Renan, mas, ao trazê-lo para sua história, Nabuco recorta duas experiências que antecedem à palavra e à formação intelectual: a infância na fazenda, em que se dá a descoberta do horror da escravidão; e paisagem brasileira, em que se deposita o afeto pelo Brasil. Contraditoriamente, para que essa experiência fosse expressa, foi preciso a adoção do modelo europeu.

Roberto Schwarz, em *Idéias fora do lugar*¹⁷, mostra como o liberalismo no século XIX, que baseia-se no trabalho livre, serve para justificar a escravidão no Brasil. Segundo o argumento de que a propriedade privada é inalienável, os proprietários de terra defendiam que o escravo era sua posse. Com outro argumento falacioso, diziam ser preferível o bom cuidado ao negro do que os maus tratos que os ingleses davam para homens e mulheres brancos degradados pela miséria em Londres. No caso de Nabuco, com um grande passo adiante, o liberalismo fundamenta não mais a justificativa, mas a negação da escravidão. A argumentação continua europeia a fim de que o sentimento, agora de indignação, ganha forma na luta política.

Por fim, não é demais registrar a presença de *Minha formação* na cultura brasileira. Vamos referir quatro casos apenas do modernismo brasileiro, dois poetas e dois ensaístas: Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Gilberto Freyre e

¹⁷ SCHWARZ, R. *Ao vencedor as batatas*. 3a ed. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

Sérgio Buarque de Holanda. Em *Bandeira e Gilberto Freyre*, o vínculo se dá com o pernambucano que registrou a experiência infantil na fazenda da madrinha, volta a Massangana em que a escravidão aparece na dupla face da doçura da dinda e na violência do negro fugido. Não há espaço aqui para retomar todo *Casa grande e Senzala* (2003), mas podemos citar um poema de Bandeira (2014, p. 35):

Sextilhas românticas

Paisagens da minha terra,
Onde o rouxinol não canta
- Mas que importa o rouxinol?
Frio, nevoeiros da serra
Quando a manhã se levanta
Toda banhada de sol!

Sou romântico? Concedo.
Exibo, sem evasiva,
A alma ruim que Deus me deu.
Decorei "Amor e medo",
"No lar", "Meus oito anos"... Viva
José Casimiro Abreu!

Sou assim, por vício inato.
Ainda hoje gosto de "Diva",
Nem não posso renegar
Peri, tão pouco índio, é fato,
Mas tão brasileiro... Viva,
Viva José de Alencar!

Paisagens da minha terra,
Onde o rouxinol não canta
- Pinhões para o rouxinol!
Frio, nevoeiros da serra
Quando a manhã se levanta
Toda banhada de sol!

Ai tantas lembranças boas!
Massangana de Nabuco!
Muribara de meus pais!
Lagoas das Alagoas,
Rios do meu Pernambuco,
Campos de Minas Gerais!

Nesse poema escrito em redondilha maior, vem a nostalgia romântica da terra, em que Nabuco é incluído. É interessante o modo como o poeta se apropria e transforma o memorialista em um autor romântico e nostálgico. Gilberto Freyre caminha nesta mesma linha de leitura.

Drummond, por sua vez, em carta para Mário de Andrade, diz sofrer da moléstia de Nabuco¹⁸, uma tragédia. Em 1924, ao responder a Mário de Andrade que nenhum sacrifício pode ser aceito pela razão, o poeta mineiro declara que considera o Brasil infecto, apenas como um lugar em que está obrigado a viver. Sérgio Buarque de Holanda investe também na feição problemática construída por Nabuco, na tensão entre Europa e Brasil, entre razão e emoção, ao escrever *Raízes do Brasil*. Ele apresenta o brasileiro como um desterrado na própria terra.

Para finalizar, então, no presente trabalho, recortamos apenas uma pequena faceta da obra de Nabuco, suas leituras. Há possibilidade, no entanto, de ver como elas ajudam a compreender a potência dessas leituras europeias, fundamentais para esse intelectual formular o dilema brasileiro. Seus leitores constroem, como nos quatros casos aqui citados, leituras antagônicas, uma mais nostálgica (telúrica), outra mais moderna (conflitiva). De certo modo, o conflito que ganha forma na obra de Nabuco, que reaparece em seus leitores, ainda é um dilema atual.

¹⁸ SANTIAGO, S. Mário, Oswald e Carlos, *Intérpretes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Bem-te-vi, 2002.

REFERÊNCIAS

ALONSO, A. Crítica e Contestação: O movimento reformista da geração 1870. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 15, n. 44, 2000.

_____. *Joaquim Nabuco – Os salões e as ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BANDEIRA, M. *Belo Belo*. Editora global, 2014

BELO, M. J. *A inteligência do Brasil: ensaios sobre Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha e Rui Barbosa*, v. 41, 2. ed. 1935.

BOSI, A. Inteligência militante. São Paulo: *Revista Valor Econômico*, 2012.
Entrevista concedida a Diego Viana. Disponível em: <
<http://www.valor.com.br/cultura/2539754/inteligencia-militante>>. Acesso em: 11 dez. 2015.

_____. Joaquim Nabuco memorialista. *Estudos Avançados* (USP), v. 24, n. 69, p. 87-104, 2010.

COSTA, M. C. Introdução In.: NABUCO, J. *Minha Formação*. Porto Alegre: Editora Paraula, 1995.

COUTINHO, A. *A polêmica Alencar – Nabuco*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1965.

DINUCCI, A. L. Joaquim Nabuco, Epicteto e a Abolição da Escravatura. *Fenix – Revista de História e Estudos Culturais*, v. 5, ano V, n. 4, 2008.

DRUMOND, A. L. *Um poeta português também do Brasil: Joaquim Nabuco leitor de Camões*. 2012. Tese – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2012.

EPITETO. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Epiteto>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

FREYRE, G. *Casa-Grande e Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 48. ed. São Paulo: Global Editora, 2003.

_____. Introdução In: NABUCO, J. *Minha Formação*. Brasília: UNB, 1963.

HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *A formação da leitura no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

MARTINS, E. V. Nabuco e Alencar. *O Eixo e a Roda* (UFMG), v. 19, p. 15-32, 2010.

NABUCO, J. *Escravos! Versos Franceses a Epicteto*. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger, 1886. Disponível em:
<<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/01205940#page/5/mode/1up>>. Acesso: 11 dez. 2015.

_____. *Minha Formação*. Brasília: UNB, 1963.

SANTIAGO, S. *Mário, Oswald e Carlos, Intérpretes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Bem-te-vi, 2002.

SCHWARZ, R. *Ao vencedor as batatas*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1988.